

## **“DEUS SALVE A CASA SANTA”: UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS UMBANDISTAS EM FORTALEZA - CEARÁ**

**Liliany Queiroz da Silva Rodrigues**

Tecnóloga em Artes Cênicas – IFCE  
Integrante do Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE  
End.: Av. da Universidade, 2223, Apto 302 – Benfica, Fortaleza, CE  
Telefone: (85) 8733 3217 – E-mail: lilianyqueiroz@hotmail.com

**Marta Jamili Craveiro Barbosa**

Licenciada em Educação Infantil - UVA  
End.: Rua 09 casa 523, Loteamento São Tiago de Compostela, Passaré, Fortaleza, CE  
Telefone: (85) 8525 1791 – E-mail: martajamili@hotmail.com

**José Silva Pereira Júnior**

(Professor-Orientador)  
Mestre em Logística e Pesquisa Operacional – UFC  
Pesquisador do Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE  
End.: Rua 10, 100 – Conjunto Alto Alegre II – Messejana, Fortaleza, CE  
Telefone: (85) 8722 4267 – E-mail: jr\_sapiens@yahoo.com.br

**Resumo:** A Umbanda pode ser considerada uma religião nascida do sincretismo nacional a partir de matrizes negras (macumba, candomblé), ocidentais (catolicismo, kardecismo), ameríndias (pajelança), europeias (catimbó, ciganos) e outros elementos que dão a cara do que se entende como esse movimento religioso genuinamente ambientado no Brasil. Em cada estado brasileiro, ela ganha uma configuração particular que dá as práticas umbandistas um caráter singular. No Ceará, a Umbanda se ambienta e ganha uma faceta fortemente influenciada por diversas “linhas de trabalho” tais como pretos-velhos, caboclos indígenas, êres (crianças), marinheiros, mestres juremeiros (forte influência da Paraíba), príncipes e princesas, entre outros e a ligação destes com os Orixás cultuados nos terreiros de Candomblé (em suas diversas nações e formas de culto). O presente trabalho, que se encontra em andamento, propõe fazer um estudo etnográfico mergulhando no microsocial do Centro Espírita de Umbandista Pai José de Angola, também conhecida como Ilê D’Oxum, localizado em Fortaleza - Ceará. A pesquisa busca observar como as práticas se ambientam nesse terreiro e como as vivências de seu Pai-de-santo atribuíram a este lugar um caráter especial. É nesta perspectiva que este estudo se desenvolverá, apontando as configurações que a umbanda e sua prática particularizada assumiram. O Terreiro em estudo é uma casa de Umbanda Omolocô, que no Ceará pode ser entendida como uma casa de santo cujos ritos são fortemente permeados pela influência do candomblé e, na casa em questão, pela Nação Angola. A casa também é conhecida por práticas comuns entre os espíritas kardecistas, como o estudo sistematizado e a forte prática da caridade à comunidade onde se insere. É nesse universo variado que este estudo se ganha forma na tentativa de descrever um panorama das práticas do sagrado, da umbanda e da religiosidade popular do povo de Fortaleza.

**Palavras-chave:** Religiosidade Popular. Práticas Umbandistas. Centro de Umbanda Pai José de Angola.

**Grupo de Trabalho:** Ritos, Religiosidade e Festas Populares (GT01).

## **Introdução**

Em poucos lugares do mundo podemos encontrar uma mistura interracial tão intensa e fascinante como a brasileira. O processo de colonização do Brasil resulta da imensa miscigenação entre três principais: o índio nativo das terras brasileiras, o branco europeu e o negro africano que se fazem presentes na genética do povo brasileiro.

Neste presente trabalho, iremos abordar um aspecto característico dessa mistura ambientada no Brasil. A Umbanda uma religião nascida, desenvolvida e praticada no Brasil e fruto do sincretismo nacional, se constitui a partir de matrizes negras (macumba, candomblé), ocidentais (catolicismo, kardecismo), indianista (pajelança), europeias (catimbó, ciganos) e outros elementos que dão a cara do que se entende como esse movimento religioso genuinamente vivenciado no Brasil.

A pesar de ser uma religião que tem regras e uma filosofia pré-estabelecida, em cada estado brasileiro, ela ganha uma configuração particular que dá as práticas umbandistas um caráter singular. No Ceará, a Umbanda se ambienta e ganha uma faceta fortemente influenciada pelos povos que aqui passaram/ficaram se refletindo nas diversas “linhas de trabalho” tais como pretos-velhos, caboclos indígenas, êres, marinheiros, mestres juremeiros (fortemente ambientados na Paraíba), príncipes e princesas, entre outros e a ligação destes com os Orixás cultuados nos terreiros de Candomblé (em suas diversas nações e formas de culto).

Deste modo, a investigação, que se encontra em andamento, visa observar de que modo a Umbanda e praticada no Ceará na cidade de Fortaleza. Atendendo a este propósito, optamos por um estudo etnográfico e mergulhamos no microssocial do Centro Espírita de Umbanda Pai José de Angola, também conhecido como Ilê D’Oxum, localizado na periferia da cidade de Fortaleza – CE e um dos mais antigos terreiros ainda em funcionamento.

Através de uma pesquisa participante, estamos buscando observar como as práticas se ambientam nesse terreiro que pratica o que denominam de “Umbanda Omolokô” e como suas vivências atribuíram a este lugar um caráter especial se refletindo em seu calendário festivo e ritualístico. É nesta perspectiva que apresentamos este estudo e ele se desenvolve apontando as configurações que a umbanda e sua prática particularizada assumem ou podem assumir na realidade cearense.

### **1. África: o negro que há em nós**

Quando colonizadores europeus chegaram à Costa da África no século XV, mais precisamente aportando em terras do Império de Songhai ou Reino de Angola, ali encontraram uma estrutura complexa e organização social em pleno desenvolvimento, mas povos que elaboraram um modelo de estrutura social diferente do que era visto nos países dos colonizadores, causando assim uma estranheza e intolerância. Desta forma, além de escravizá-los passaram então a disseminar pela tradição oral e pela literatura afirmações deturpadas sobre a cultura daquele povo.

Assim, chegaram ao Brasil populações inteiras com seus clãs, cultura desenvolvida e mentes criadoras. Esses negros ficaram assim conhecidos por pagãos e animistas pelos mercadores de escravos, pois eram ou povos de cultura mulçumana e

maometano ou povos tribais considerados animistas, ligados a natureza, esses últimos muito abertos à influência de outras dimensões místicas, como o cristianismo por exemplo.

Assim, populações inteiras, reduzidas à escravidão e aportadas no Brasil ou eram animistas ou eram muçulmanas, mas ambas cultas, preparadas, participantes de uma estrutura sócio-política já elaborada e atuante. Sendo cultura a capacidade que um povo tem de transformar a natureza, e tendo a África Negra, em sua história, impérios e reinos estruturados, deduz-se sua imensa capacidade de transformação e criação. Não poderia ser diferente. (D'AMORIM, 1996; p. 21)

Assim sendo, por essa capacidade de transformação, os negros denominados como animistas, passaram a impressão de aceitação de forma aparentemente pacífica aos olhos dos colonizadores portugueses que impuseram a religião dos brancos cristãos, bem diferentes dos negros mulçumanos mais fechados em suas convicções religiosas. O fato é que a população negra que aportou no Brasil, se submeteu a conversão e aceitação da religião imposta pelos seus “donos” para que pudessem cultuar os seus deuses de forma anônima, mantendo viva a sua crença, incorporando elementos cristãos às suas práticas religiosas resignificando, assim, suas formas de culto nas terras brasileiras.

### **1.1. Omolokô: um dos cultos aos orixás africanos**

A origem do nome “Omolokô” pode está ligado ao povo Loko, tendo como cidade principal Lokoja, que ficava próximo ao Reino dos Iorubás. Assim, se acredita que alguns negros escravizados do povo Loko chegando ao Brasil formaram a Nação Omolokô.

Na Nação Omolokô, as divindades são cultuadas de forma semelhante aos Candomblés de Nação. Na maioria dos terreiros de Omolokô, eles têm como base a herança das religiões bantos, onde engloba os ritos cerimoniais do povo congo e cambinda, cultuam os Inquices (divindades) e os Orixás, Voduns (antepassados), Vunjes (espíritos de crianças, os chamados Erês como são mais conhecidos). Estes também sofreram a influência das religiões ameríndias com a presença dos Caboclos de Pena, como também, dos chamados Caboclos Boiadeiros. Existem ainda terreiros que se mostraram receptivos aos santos católicos.

Há certa unanimidade em dizer que as primeiras práticas de Omolokô no Brasil se deram na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Nei Lopes, o Omolokô seria um,

antigo culto banto cuja expansão se verificou principalmente no Rio de Janeiro, na primeira metade do Séc. XX. O nome liga-se provavelmente ao quimbundo muloko, ‘juramento’; ou ao suto, moloko, ‘genealogia’, ‘geração’, ‘tribo’. Na Angola pré-colonial, Ngana-ia-Muloko era o sacerdote encarregado da proteção contra os raios. (LOPES, 2004; p. 497)

Entretanto o Omolokô se tornou conhecido por todos através do organizador do culto Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto, responsável pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros, pois fundou federações e confederações espíritas umbandistas nos estados do país. A partir deste esforço em organizar o culto, nota-se a fusão do Omolokô, onde algumas casas de Umbanda passaram a se denominar como Umbanda Omolokô, onde

seus adeptos sentiam-se mais a vontade em mostrar que também detinham conhecimento no culto dos Nagôs e outras Nações que cultuavam Orixás e outras divindades.

## 2. Umbanda: uma religião tipicamente brasileira

A Umbanda pode ser apontada como uma religião formatada e ambientada em e para as terras brasileiras que traz em sua composição a forte marca da mistura racial e cultural na qual foi constituído nosso país. O Brasil como uma nação fruto de uma grande misturas de raças como a indígena, a branca (europeia) e negra (africana), não poderia ser muito diferente na construção das bases que influenciaram a Umbanda.

A Umbanda é uma religião constituída, com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos. Suas sessões são gratuitas, voltadas ao atendimento holístico (corpo, mente, espírito), á prática da caridade (fraterna, espiritual, material), sem proselitismo. Em liturgia e em seus trabalhos espirituais vale-se do uso dos quatro elementos básicos: fogo, terra, ar e água. (BARBOSA JÚNIOR, 2011, p. 5)

A partir da fala de Barbosa Jr, podemos perceber que os umbandistas se utilizam de princípios variados para construção dos seus ritos. Deste modo, o autor define as seguintes influências na concepção das bases umbandistas: africanas, judaico-cristãs, indianistas e espírita kardecista.

- *Influências Africana e Indianista:* ao cultuar os elementos da natureza personificados na figura dos deuses africanos mais conhecidos por Orixás, que trazem consigo um componente da natureza que fortalece a ligação do homem com Olurum, figura divina que criou tudo que existe na terra. Revelando a influência do índio brasileiro, a Umbanda matem uma forte ligação com a natureza, com o uso da pajelança, o domínio de ervas brasileiras consideradas sagradas. Ambas as culturas também mantêm uma forte crença e respeito pela ancestralidade, em espíritos sagrados que guardam a mata e cuidam dos seres encarnados. Sendo assim, a figura a figura do “velho” é considerada de muita importância, pois ele é detentor de uma valiosa sabedoria, bem como a criança (o Erê/o Curumim) também tem um papel social importante. Tem-se ainda o guerreiro brasileiro, o índio, que caça, protege e cuida da aldeia. Estas figuras: pretos velhos, erês e caboclos são reconhecidas como entidades (espíritos) e são cultuadas.
- *Influências do Cristianismo e Espiritismo Kardecista:* o catolicismo brasileiro lançou sua influência devido à forte resistência e perseguições que estas sofriam. Assim sendo, a utilização das imagens de santos católicos dentro das comunidades de terreiro passam a ser comum, pois os filhos de santo passam a fazer associação dos Orixás com os santos católicos. O espiritismo, por sua vez, estudado e difundido por Alan Kardec faz um estudo sobre mediunidade, manifestações de espíritos desencarnados e a relação de entre o mundo dos vivos (encarnados) com o mundo espiritual (desencarnados).

## 2.1. Umbanda: um breve relato histórico

Barbosa Jr (2011a) aponta que os primeiros registros históricos da uma manifestação umbandista datam do ano de 1908 na cidade do Rio de Janeiro. Zélio Fernandino de Moraes, um jovem de 17 que se preparava para ingressar na Marinha, teve um ataque que o deixava em posições corporais que não condiziam para um jovem de sua idade, além de professar um diálogo sem compreensão.

A família procurou um médico, porém sem sucesso para o surto de aparente loucura. Deste modo, a família procura o auxílio de um padre que também não obteve sucesso. Assim, a família resolve levá-lo a um Centro Espírita Kardecista onde se manifestou um espírito que por ser considerado atrasado não teve espaço para permanecer no Centro Espírita. A partir de então, o médium Zélio de Moraes junto ao seu mentor espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundam a primeira casa umbandista como o nome de Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Sob a orientação e com as normas de funcionamento estabelecidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e do Preto Velho Pai Antônio, se inicia o funcionamento da casa de santo que tem como primazia o exercício de caridade. As normas estabelecidas para o desenvolvimento da Umbanda são a prática do amor, a fé e a caridade, sendo estes os alicerces no qual a religião foi desenvolvida e propagada e são vistos como dogmas umbandistas. Partindo destes princípios a entidade conhecida como Preto Velho é considerada como a base espiritual da Umbanda. Ainda segundo Barbosa Jr (2011a), esta série de acontecimentos culmina para a expansão e propagação da bandeira umbandista, com abertura de terreiros nas mais diversas regiões do Brasil.

## 2.2. Umbanda Omolokô

Muitos são os que questionam as práticas e formas de trabalhos espirituais na Umbanda Omolokô, principalmente por se tratar de um culto nascido de uma mestiçagem. A Umbanda Omolokô nasceu nos anos 1940 com a fundação das federações criadas pelo Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto, que inconformado com a desvalorização e desrespeito por parte da sociedade que insistia no embranquecimento do culto de afrodescendentes.

Atualmente, as maiores influências da Umbanda Omolokô, além das divindades de origem africana e entidades do universo místico dos caboclos das matas, também possui influencia do Terecô, Catimbó, Jurema, Barba Soeira ou Babaçuê, o Santo Daime e a Barquinha, outras expressões negras ou espiritualistas espalhadas pelo Brasil.

Nos trabalhos espirituais praticados nos terreiros pelos filhos de santo quando incorporados é possível ver as entidades que fazem parte de todos os cultos anteriormente citados. Nos terreiros de Umbanda Omolokô, não se foge a regra a manifestação de entidades que definem a base do tripé onde estão alicerçados os fundamentos da Umbanda, entidades essas muito conhecidas pelos praticantes do culto de Umbanda independente de qual seguimento e linha de trabalho da casa e são elas Pretos Velhos, Caboclos e Crianças.

### 2.3. A Umbanda no Ceará

Há muito que se ouve falar que no Ceará não existiu influente presença negra e que o índio atualmente passou a ser figura mitológica. Essas afirmações, sem grandes fundamentos, são ditas por um grupo de pessoas que insistem numa ideia mascarada e muito festejada de que quatro anos antes da Lei Áurea ser assinada, os cearenses libertaram os seus escravos, e estes migraram uma parte subindo sentido Maranhão e Pará, outra parte descendo sentido Pernambuco, Alagoas, e outros adentraram em meio ao grande Cariri.

Em território cearense, existia uma grande população de índios que foram dizimados culturalmente e moralmente e que também tiveram que se converter ao clero para que não fossem punidos

Tapuia foi a denominação dada pelos colonizadores e missionários aos índios que falavam língua diversa da dos tupis do litoral e habitavam o sertão nordestino. (...) À medida que o processo de colonização se efetivou, os tapuias foram destruídos como nações social e culturalmente constituídas. Os tapuias guerrearam bravamente; morreram ou fugiram para o sertão adentro. Os elementos culturais formadores das experiências e do cotidiano dessa gente não se perderam, mas foram sendo reelaborados, adquirindo novos sentidos, em diferentes épocas e contextos sociais. (ASSUNÇÃO, 2006; p. 39)

Foi-nos possível perceber que no processo de colonização do Ceará, o “encontro” de negros africanos e índios cearenses, tão diferentes em suas características físicas e culturais, acabou por fazê-los iguais em meio ao processo de aculturação dessas duas raças por parte dos colonizadores. Desta forma, o Ceará ganhou cor e identidade, com a miscigenação e o processo de hibridação de brancos, negros e índios atribuindo novas significações e manifestações do sagrado, como a praticada Umbanda cearense.

Ismael Pordeus Jr aponta que no Ceará durante um longo tempo coexistiu a ideia de “macumba” e de “espiritismo de umbanda”, onde

apesar de a Umbanda haver se difundido por todo o país e ter como um dos objetivos tornar-se a religião brasileira, absorvendo, em seu panteão, práticas religiosas designadas genericamente como Macumba, a permanência desta é notória, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos. (PORDEUS JR, 2002; p. 11)

A Macumba Cearense ocorria em casas de santo localizadas na periferia fortalezense sem nenhum tipo de registro ou autorização de funcionamento para a realização do culto (ocorreria de forma clandestina), além de ser vista como algo ruim que se utiliza das entidades para fazer trabalhos com energias destrutivas.

A Umbanda, por sua vez, surge em um panorama positivo vista como uma religião ética e de uma filosofia que faz o bem trabalhando com a “bandeira branca” (simbolizando os trabalhos voltados a paz) como é colocado por Mãe Julia em uma da entrevista concedida ao referido autor.

Somente a partir do ano de 1954 com a criação da Federação Cearense de Umbanda, se passa a fazer uma distinção entre Macumba e Umbanda. Ainda assim,

segundo Pordeus Jr (2002), é difícil perceber as diferenças entre Macumba e Umbanda e considerá-la dois blocos opostos.

A Umbanda ambientada no Ceará sofre forte influência das etnias indígenas encontradas no Ceará. Deste modo, a Pajelança é amplamente praticada dentro das casas de santos. A conhecida linha de caboclo se divide em duas vertentes: os chamados Caboclos de Pena, os índios, e o Caboclo vindo do sertão, o boiadeiro. São duas figuras fortes encontradas na cultura cearense.

Também podemos encontrar na Umbanda cearense os Pretos Velhos, a linha dos Cangaceiros, linha de Mina (como influência maranhense), a linha dos Mestres de Jurema (como influência paraibana) e a linha de exu de lei (entidades guardiãs distintas da figura de Exu Orixá). Podemos perceber ainda, as misturas com catolicismo popular cearense ao se perceber a figura do Padre Cícero encontrada em alguns terreiros.

De modo geral, a Umbanda cearense não se distancia da Umbanda brasileira, pois seus aspectos gerais se concatenam em muitos pontos. Assim como todos os aspectos culturais que ganham características singulares dos locais onde estão, o mesmo ocorre com a Umbanda que aqui no Ceará ganha algumas particularidades da cultura cearense.

### **3. O “Centro Espírita de Umbanda Pai José de Angola”: práticas e vivências em um terreiro Omolocô em Fortaleza**

Nosso objeto de pesquisa no presente momento é o “Centro Espírita Umbandista Pai José de Angola” também chamado “Ilê Axé Oxum”. Este terreiro (forma mais usual entre os adeptos) está localizado na periferia de Fortaleza-CE, no bairro Dias Macedo, tendo a frente o Babalorixá Daniel Lima mais conhecido como Pai Daniel D`Oxum.

Para compreender as particularidades desse espaço sagrado e se fazer o registro etnográfico das práticas e vivências deste microssocial em específico, optamos pela pesquisa participante, uma vez que esta permitia que os pesquisadores compartilhassem a vivência dos sujeitos pesquisados e que, ainda assim, pudessemos realizar a observação dos fenômenos ali encontrados. Assim, nossa pesquisa se pauta na interação entre as pesquisadoras, que também são adeptas do culto umbandista, e os membros do terreiro investigado.

Pelo cotidiano vivenciado da casa é favorável perceber e compreender como ocorre o processo de culto e especificidades que se sucedem no dia a dia do terreiro. Aliado a esta interação, realizamos entrevista com o pai-de-santo da casa tentando elucidar as dúvidas e as particularidades dos rituais e cerimônias que participamos, bem como, para entender como sua própria história de vida se reflete nas práticas observadas no terreiro.

#### **3.1. Obrigações e comemorações: o calendário ritualístico do terreiro**

No Terreiro do Pai José de Angola, se trabalha com as entidades espirituais da umbanda e também se saúdam e cultuam os Orixás. O referido terreiro de Umbanda pratica o que se chama de Omolocô. Pai Daniel Lima aponta que Omolocô seria a junção da Umbanda com o Candomblé Angola ou Candomblé de Caboclo, onde se cultuam entidades de diversas linhas e saudando os Orixás.

Antes de adentrar na caracterização do calendário ritualístico no Terreiro de Pai José de Angola, objeto inicial de nosso estudo, vamos descrever uma breve biografia do líder espiritual da casa para se entender como a trajetória do pai-de-santo influencia a concepção desse calendário festivo.

Daniel Lima é um conhecido pai-de-santo em Fortaleza, contando com uma trajetória de 50 anos dedicados a Umbanda cearense. Ele foi iniciado no culto aos sete anos de idade. Teve como primeiro pai-de-santo Pai Calheiros em um terreiro localizado no Bairro da Parangaba, periferia de Fortaleza, e ficou lá até por volta dos seus dezessete anos. Aos dezoito anos quando saiu para outro terreiro localizado no bairro Dias Macedo e que tinha como pai-de-santo Pai Portela, Daniel inicia no culto de Candomblé Angola. Pouco tempo depois, ele abre seu terreiro de umbanda com a ajuda de amigos, o terreiro objeto de nosso estudo, que conta hoje com aproximadamente quarenta anos de existência.

Focando o cotidiano da casa, temos às terças-feiras o grupo de estudo, onde são realizados estudos sistematizados de aspectos ligados a mediunidade, espiritismo e aspectos da Umbanda ali praticada, entre outros assuntos do interesse da casa. Às quintas-feiras, temos as giras (forma dos adeptos se referirem ao momento do culto, podendo também ser chamada “baia”) voltadas ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas dos filhos-de-santo da casa e, aos sábados, as giras regulares.

Além destas atividades regulares, a casa apresenta um calendário específico para as festividades (momentos celebrativos que podem ser “festas” – rituais mais elaborados – ou “toques” – rituais mais simplificados – dedicados às entidades, orixás e guias-espirituais da casa) e obrigações (momento de recolhimento e de trabalhos dedicados a uma especificidade da casa e/ou dos filhos-de-santo).

**QUADRO 01 – Calendário Ritualístico do Terreiro Pai José de Angola**

<b>CELEBRAÇÃO/FESTIVIDADE</b>	<b>PERÍODO/ DATA</b>	<b>MOTIVAÇÃO DO CULTO</b>
Abertura anual das atividades da casa.	20 de janeiro	Festa de Oxossi (Orixá) e saudação a Iroko (Orixá)
Segunda baia do ano	26 de janeiro	Gira para o Caboclo Boiadeiro do pai-de-santo/da casa (Mestre Cangarussu)
Festa de Caboclo	Fevereiro	Festa dedicada ao caboclo do pai-pequeno da casa (auxiliar direto do pai-de-santo) (Caboclo Seu Raimundão)
Toque para o Preto Velho da Casa	19 de março	Festa para Pai José de Angola
Toque para Omolu	Semana Santa	Obrigação para Omolu (Orixá), Pretos Velhos e Exus de Lei.
Festa para Ogum (Orixá)	23 de abril	Obrigação dos filhos-de-santo regidos por Ogum.
Festa de Preto Velho	13 de maio	Festa dedicada aos Pretos Velhos
Obrigação do ogã da casa (filho-de-santo “feito” para tocar os atabaques)	Início de junho	Ritual de oferendas aos Ilús (atabaques)
Festa para “seu Tranca Rua” (Exu de lei do pai-de-santo)	12 de junho	Festa dedicada aos Exus de lei



Festa da Cigana (cigana do pai de santo)	13 de julho	Atualmente e celebrada de forma bem particular.
Festa de Iemanjá	15 de agosto	Entrega de oferendas na praia e gira para saudar Iemanjá.
Festa dos Erês	27 de setembro	Entrega de brinquedos e doces as crianças da comunidade.
Festa dos Mestres Juremeiros e Malandros	02 de novembro	Comemoração às entidades Zé Pilintra e Nego Gerson.
Festa para Oxum	08 de dezembro	Obrigação do Pai de Santo.
Encerramento das atividades anuais da casa. Confraternizações	25 e 31 de dezembro.	Pais e filhos de santos.

Fonte: Autores a partir das entrevistas realizadas.

Ainda a partir do calendário de ritualístico da casa, podemos observar quais são as linhas e entidades cultuadas e que permeiam o espaço imaterial do terreiro. Os segmentos que constituem a prática religiosa da casa são:

- *Influência Africanista*: Orixás, Linha (termo utilizado para definir a linhagem de entidades que trabalham sob a mesma roupagem) de Preto Velho, Linha das Crianças.
- *Influência Indianista*: Linha de Caboclos de Pena, Linha das Crianças, Linha de Caboclos de Rios e Cachoeiras, Linha dos Caboclos do Mar, Pajelança.
- *Influência Europeia*: Linha de Ciganos.
- *Catolicismo Popular*: santos católicos e festividades cristãs.
- *Linhas compostas por entidades que vem na linha de frente dos orixás*: Linha dos Caboclos Boiadeiros, Linha de Légua, Linha dos Marinheiros, Linha de Malandro, Linha dos Mestres Juremeiros, Linha dos Caboclos de Ogum.
- *Linha dos Guardiões*: Linha de Exus de Lei

### Considerações parciais

Ao longo do desenvolver desta pesquisa, ficou patente como muito ainda resta por pesquisar e se revelar sobre o sagrado e o social dentro das práticas umbandistas. Contudo, o que já foi levantado e apresentado demonstra a enorme riqueza de vivências, saberes, cruzamentos e entrecruzamentos étnicos e culturais.

Analisando o calendário de obrigações do Centro Espírita Pai José de Angola, podemos perceber uma marcante influência do Candomblé, fruto das vivências do pai-de-santo da casa, dentro do cotidiano do terreiro. Em suas festividades, é perceptível o culto ao panteão de Orixás juntamente com os ritos mais intrínsecos ao dia-a-dia umbandista. Sem contar com a diversidade de ritos ligados a outras correntes e pensamentos, quando, por exemplo, sistematiza o estudo regular perceptível facilmente em centros espíritas

kardecistas. Esse conjunto de práticas e vivências atribui ao terreiro uma característica particular, híbrida.

O desenvolvimento desta pesquisa não vem sendo fácil, dada a carência de trabalhos nesta área. Assim, discernir e identificar, aos primeiros contatos, o que procede desta ou daquela matriz cultural, o que seria atribuído à contribuição negra, à indígena/cabocla, à branca católica/espírita é tarefa das difíceis, mas que vem se realizando descortina o especial nesta prática do sagrado, desta Umbanda que se ambienta no Ceará.

## Referências

ANDRADE JÚNIOR, Cleudo Pinheiro de. Estratégias de preservação dos cultos Afro-religiosos ou o Negro cearense e o jeito camaleão de dizer sua Fé. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Negros no Ceará - História, Memória e Etnicidade**. Coleção Outras Histórias – 61. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

ASSUNÇÃO, Luiz. **O Reino dos Mestres - A Tradição da Jurema na Umbanda Nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

AZEVEDO, Janaína. **A origem, as lendas, os cantos e os rituais de cada orixá na Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **Curso Essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011a.

\_\_\_\_\_. **O Essencial do Candomblé**. São Paulo: Universo das Letras, 2011b.

D'AMORIM, Eduardo. **África - Essa Mãe Quase Desconhecida**. 2 ed. Recife: Líber Gráfica e Editora, 1996.

LOPES, Nei Braz. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. 2 ed. São Paulo: Selo Negro, 2004.

PORDEUS JR, Ismael. **Umbanda: Ceará em transe**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.